

CARTA A MARIA DOLORES

(Original em 3 Atos de Érico Grauer)

1º ATO

CONTROLE - CARACTERÍSTICA: PNEDE COM MUSICA SUAVE EM SUBLINA. PERMANECE EM BG.

Domingos - (como quem lê o que escreve) Ouro Preto, 19 de Maio de 1953. Minha sempre querida e sempre lembrada Maria Dolores. Acaba de vir às minhas mãos um jornal de Porto Alegre com a triste notícia do desastre que vitimou o teu querido Ivanori. Meus olhos, ainda que vissem o seu nome e o seu retrato, negavam-se a acreditar na realidade brutal que havia de separar-te, para sempre, do teu filho idolatrado! Foi necessário que lêsse várias vezes todos os detalhes da impressionante tragédia, para me convencer, finalmente, de que a fatalidade te deixara realmente sózinha, desafiando um rosário de lágrimas e de saudades & lamentando, talvez, renúncias e sacrifícios que não foram poucos e resultaram vão!... <sup>negativamente</sup> Nenhum <sup>para</sup> ~~meu~~ surprezo e de emoção, deixei que o jornal resvalasse <sup>para</sup> o tapete e, no penumbra do meu quarto silencioso, dentro da noite escura, comecei a pensar no teu passado, desde aquele dia em que pensei poder unir ao ~~teu~~ <sup>meu</sup> destino!...

CONTROLE - CORRA A MUSICA EM BUNDO.

Domingos - E então, Maria Dolores, pensou na minha proposta?

Maria - Pensei, Domingos. E pensei longamente, pode crer. E talvez por ter pensado toda uma noite, é que lhe trago agora a minha recusa.

Domingos - Não pode ser, Maria Dolores. Você não tem razões que justifiquem essa sua atitude.

Maria - Tenho uma única razão, Domingos, mas ela é tão poderosa que se sobrepõe ao amor que você me oferece.

Domingos - Não somente o amor, Maria Dolores, mas o conforto, o bem estar e a garantia de um futuro incerto como é esse a que lhe atrasta a sua vida de luta pelo sustento de cada dia.

Maria - Por tudo isso, você poderá calcular como será forte a razão que me leva a recusar o seu pedido.

Domingos - Você pensa em Ivanori, eu sei, mas por ele mesmo você só teria vantagem em se tornar minha esposa e participar dessa fortuna imensa que me coube de vida e que eu não tenho para quem deixar. Sou um homem maduro... vivo à margem do amor... e, por isso mesmo, sinto-me ainda mais só e mais infeliz.

Maria - Domingos, não insista, por favor. Bem que eu gostaria de poder repartir com você o amor e a ternura que ainda guardo no meu peito com a mesma impetuosidade daquela tempo em que o conheci e amei, mas infelizmente conheço de sobre o temperamento de meu filho por saber que ele não aceitará, nunca, esse outro homem qualquer vindo ocupar o lugar que Bertiriano ocupou na minha vida... <sup>ainda</sup>



quando esse homem fôsse você.

**Domingos** - Você... você falou alguma coisa a ele sobre o meu pedido?

**Maria** - Não tive coragem. Duas ou três vezes cheguei a <sup>me</sup>aproximar-me dele com essa intenção, mas as palavras morreram sufocadas na minha garganta e tive que fugir apressadamente do seu lado para que ele não percebesse a angústia terrível que me devorava.

**Domingos** - Você devia fazer um esforço e falar-lhe. Quem sabe lá si ele não se <sup>ria</sup> capaz de nos surpreender com a sua aquiescência?

**Maria** - Não creio. Conheço-o de sobre para saber o que ele me dirá. É o medo maior que guardo comigo é de que ele se decepcione com sua mãe por sentir que ela achou possível e natural banir da sua vida a lembrança do seu primeiro marido, para aceitar um segundo.

**Domingos** - Maria Dolores, você já não é uma criança. Pense na sua velhice. Não será possível que você continue nessa vida de luta e de trabalho sem que a sua saúde venha a se ressentir, profundamente, dentro de mais alguns anos. O que será de você, mais tarde, quando chegar a velhice e a saúde lhe faltar?

**Maria** - O que penso é que quando isso chegar a acontecer, já meu filho me de estar formado e então eu já não precisarei ter as mesmas preocupações e os mesmos trabalhos que hoje tenho.

**Domingos** - É um otimismo apreciável que não deixa de exercer uma influencia benéfica no presente, mas o futuro é incerto e cheio de imprevistos. Você que é tão serena e tão ponderada, pense um momento na ameaça terrível dessa incerteza, encha-se de coragem e converse lealmente com seu filho. Só depois que você houver feito isto, eu aceitarei como definitiva a sua recusa. (Pausa) Promete-me que falará com Ivanor?

**Maria** - (depois de pausa) Bem, Domingos, eu... eu falarei com ele hoje de noite. Você volte amanhã.

**CONTROLE** - ENTRA NOVAMENTE A MUSICA EM SURDINA, ACOMPANHANDO A CARTA.

**Domingos** - (Como quem lê o que escreve) E no dia seguinte eu voltei para saber a sua resposta. Deixei que você falasse e me contasse, em detalhes, a cena que tivera com o seu filho. Antes, no entanto, pela sua validade extrema e pelo ritmo de amargura que os seus lábios desenhavam no seu rosto, eu já sabia que a sentença que você havia antecedido, fôra confirmada por Ivanor.



CONTROLE - SUSPENDE A MUSICA DE FUNDO.

Maria - Estudando, meu querido?

Ivanor <sup>(15 anos)</sup> - Estava, sim, mãezinha. Amanhã tenho uma sabatina de matemática e me faltam ainda dois pontos para ficar com a matéria em dia.

Maria - E eu não atrapalharei muito o seu estudo se, lhe pedir que me atende uns dez minutos?

Ivanor - Não, mãezinha, que esperança! Agora mesmo eu ia parar um pouco para descansar... Você queria me dizer alguma coisa?

Maria - Sim, meu querido. Isto é... eu não queria bem dizer a você alguma coisa... queria, justamente, que você me dissesse qualquer coisa sobre um projeto que eu desejava realizar.

Ivanor - Já sei. Você está projetando uma viagem para as minhas férias de Julho; não é isto?

Maria - Não, meu amor. É outra coisa muito diferente. Por que você pensou que fosse uma viagem?

Ivanor - Porque você sempre faz todas as minhas vontades e eu outro dia lhe falei que tinha muita vontade de viajar.

Maria - Bem, quer dizer... se você concordar com o projeto que tenho em mente, você terá todas as facilidades para fazer as viagens que quiser.

Ivanor - Nesse caso, mesmo sem conhecer ainda o tal projeto, eu já lhe digo que estou de acordo com ele.

Maria - Espere, querido, espere. Não se precipite.

Ivanor - Pois então diga logo, mãezinha. Eu já estou numa torcida maluca.

Maria - Você quer muito bem o seu Domingos; não é verdade?

Ivanor - Bah!... O meu Domingos é o meu maior amigo, mãe.

Maria - Pois bem... Você... você gostaria que ele estivesse sempre com você... morando... morando na nossa casa?

Ivanor - Como assim?

Maria - Ouça, meu filho: você... você é um rapazinho de treze anos e portanto já tem melhor compreensão das coisas da vida. Você já sabe, por exemplo, a luta enorme que a mãe é obrigada a enfrentar, diariamente, para que você possa estudar e nada lhe falte, em sua casa, não é verdade?

Ivanor - Sei, sim, mãe. E é por isso mesmo que eu estudo bastante para não ter que repetir nenhuma ano e poder me formar mais depressa para depois lhe ajudar.



Maria - Pois bem, se você estivesse de acordo com um projeto que eu tenho, a mãe não precisaria mais trabalhar e você também poderia estudar sem essa preocupação de que eu estou sendo pesado.

Ivanor - Seria muito bom, mas... que projeto é esse que você tem? Diga.

Maria - Meu filho, a mãe... a mãe foi pedida em casamento!

CONTROLE - RAJADA MUSICAL, VIBRANTE E CURTA, sem cortar estúdio.

Maria - (depois de pausa) Você... você ouviu o que a mãe lhe disse, Ivanor?

Ivanor - (depois de pausa, completamente abafado) Ouvi, mãe!

Maria - (depois de pausa) Diga alguma coisa, meu filho. Você... você aprova o casamento da sua mãe? (Pausa longa) *Não* precisa responder nada, meu filho. O silêncio falou por você. Você prefere que a mãe continue trabalhando, não é isto?

Ivanor - Mais algum tempo, só, mãe. Depois eu não me importarei de continuar trabalhando para você o resto da vida.

Maria - Vamos, meu querido, não é preciso que você se amargure por causa disso. A mãe não tem nenhum interesse em se casar e também não se importa de continuar trabalhando para que você ~~seja feliz~~ *complete* os seus estudos.

Ivanor - Então... por que pensou nesse casamento?

Maria - Simplesmente por sua causa, meu querido. O homem que me ofereceu o seu nome quer muito bem a você e você poderia ter uma vida completamente diferente da que tem agora. Poderia morar num palacete, iria diariamente ao colégio de automóvel, teria boas roupas, bons sapatos, não teria necessidade de pedir emprestados aos colegas os livros mais caros... enfim, teria uma série de vantagens, além de não precisar se preocupar com o dia de amanhã. Foi só pensando nessas coisas todas, que a mãe não quis dizer "não" sem primeiro ouvir o que você diria.

Ivanor - Eu prefiro viver como temos vivido até hoje, do que ver outro homem ocupar o lugar do papai.

Maria - Está bem, meu querido, não se fala mais nisto. Você compreendeu bem a intenção da mãe; não compreendeu?

Ivanor - Compreendi, sim, mãezinha.

Maria - E não está negando comigo, está?

Ivanor - Não, mãezinha, pelo contrário. Acho que hoje fiquei querendo ainda mais a você.



Maria - Pois bem, então não pense mais nisto. Dê um beijo à mãe e continue a preparar os seus pontos para a sabatina de amanhã. (BEIJO)

CONTROLE - ENTRA COM MUSICA EM SORDINA.

Domingos - Ao terminar de me contar a cena que ~~xuxu~~ tivera com seu filho, você estava ainda mais pálida e tinha os olhos embaçados de lágrimas. Dentro do meu peito, rugia um vendaval de amargura pela sua recusa. Olhando o véo de lágrimas que tremeluzia à flor das suas pálpebras, uma dú vida cruel me consurria: qual seria a razão dessas lágrimas que o poder da vontade não deixava cair? Amor... ou piedade? Conservaria você, ainda, intacto, através dos anos, o sentimento de carinho e de ternura que me consagrara antes que Martiniano se atravessasse em nossas vidas, ou estaria triste pela pena que lhe causava a inutilidade da minha perseverança e da minha dedicação? Lembro-me, ainda, de que você procurou confortar-me, sentindo a angústia enorme em que eu me debatia.

CONTROLE - CORTA A MUSICA DE FUBDO.

Maria - Não se entregue desse modo, por favor, Domingos. E não me queira mal por lhe causar tamanha tristeza!

Domingos - (abstido) Eu querer mal a você, Maria Dolores?!... Nunca seria possível que isso acontecesse!...

Maria - Mesmo porque... eu não mereço que você me queira mal. Embora tenha sido sempre obrigada pela vida a colocar uma barreira entre os nossos corações, a verdade é que tenho sabido ~~xuxuxu~~ amá-lo em silêncio e à distância.

Domingos - Se tivesse que odiá-la, teria sido quando você aceitou o pedido de Martiniano, deixando-me na treva do abandono, sem uma luz qualquer que me indicasse o caminho da salvação. Ali sim. Ali eu quis odiá-la, mas o meu coração estava de tal maneira impregnado pelo seu amor que, no entrelaço dos sentimentos, o ódio foi fragorosamente derrotado!

Maria - Você não conseguiu odiar-me porque sabia que eu também o amava e que se inclava a minha vida no altar de um Deus em quem eu não acreditava, era porque esse Deus salvaria o meu pai da ruína e eu estaria livre de ser apontada, por ele, como filha desamorosa e ingrata.

Domingos - Como lamentei a minha pobreza, naquela época, e como desprezei <sup>depois</sup> o dinheiro, quando ele, infelizmente já muito tarde, veio ter às minhas mãos, através de uma herança inesperada.



Maria - Por ironia do destino, os negócios de meu pai arruinaram meu marido logo ao terceiro ano do nosso casamento e os anos que depois se seguiram foram lúgubres e tormentosos! (Pausa) Faz precisamente dezesseis anos que me casei e um ano que estou viúva. O único raio de sol que penetrou a minha alma, em todo esse longo período de trava e de descrença, foi o nascimento de meu filho! A ele me apeguei, então, com o desespero de um naufrago prestes a sossobrar!...

Domingos - Dezesseis anos!... E eu continuei amando você com a mesma impetuosidade e a mesma loucura, através de todo esse tempo estéril e vazio!... Às vezes pensava consigo mesmo: é uma tolice sem conta continuar alimentando esse sentimento. Maria Dolores, certamente, nem mais se lembrará de mim.

Maria - Juro-lhe que nem um só dia de minha vida deixei de amá-lo. E sempre me lembrei de você com desespero e com saudade!

Domingos - Agora que imaginava receber o prêmio da minha <sup>dedi</sup>cação e da minha perseverança, a odiosa lembrança daquele homem continú a se interpôr entre as nossas vidas como um abismo profundo que nem mesmo a força de um amor imenso é suficiente para transpô-lo. (Pausa e tom) Oh, Maria Dolores, como eu odiei aquela homem e como sinto, hoje, que o ódio ainda!...

Maria - Deixe-o descansar na paz do seu túmulo. Ele também sofreu muito, porque sabia e sentia que eu lhe dava tudo... menos o meu amor!

Domingos - Tanto o odiei - tanto! - que se é pecado, Deus me perdoe a verdade que lhe vou dizer: meu coração se tornou pequeno para conter o mundo de alegria e de esperança que buscava refúgio dentro dele, quando tive a notícia da sua morte!

C/RECRIA - FORÇA QUE SE ABRE A TRÊS PASSOS DE DISTÂNCIA.

Maria - (susto) Ivaner!...

CONTROLE - RAJAM MUSICAL CURTA E SECA, SEM CORTAR O ESTÚDIO.

Maria - Meu filho!... Pensei que... que você já estivesse dormindo...

C/RECRIA - PASSOS LENTOS, DE MENINO, QUE SE APROXIMAM. (TRÊS OU QUATRO PASSOS)

Ivaner - (contendo o pranto, revolta máxima) Faça sair esse homem agora mesmo, Mãe! Eu não admito que ele insulte a memória de meu pai, dentro de nossa casa!...

Maria - Meu filho, você... você naturalmente não compreendeu bem...

Ivaner - (corta) Compreendi tudo muito bem! E não quero que ele fique aqui nem mais um minuto!

Domingos - Ivaner, você está nervoso e...

Ivaner - (ruído, cortando) Cala-se. E tira a mão do meu ombro. Não quero que me toque. De hoje em diante eu também saberei odiá-lo como o maior odiou meu pai!...



CONTROLE - BAJADA SBOA, SEM CORTAR.

Ivanor - Vamos, Mãe. Eu estou à espera de que você mande embora esse homem.

(Pausa) Se se nega a fazer o que lhe digo, sairei eu e você nunca mais se verá.

(depois de pausa)

Domingos - Não é preciso que me diga nada, Maria Dolores. ~~Eu sei o que~~ os seus olhos me pedem. <sup>(Pausa)</sup> Boa noite.

C/REGRA - PASSOS LENTOS QUE SE VÃO AFASTANDO. PORTA AFASTADA QUE ABRE E FECHA.

Ivanor - (depois de pausa, voz trêmula de pranto) Oh mãe!... Mãe!... Ela disse que odiava o pai... e você ficou calada!... (desata em soluços)

Maria - (Mal Ivanor desata a soluçar, rompe também em pranto desesperado).

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

2º A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO SEGUNDO ATO. FUNDO COM MÚSICA EM BG.

Domingos - Depois daquela cena horrível em que Ivanor me expulsou de sua casa, eu me senti de tal forma deprimido que por mais que desejasse reagir contra o abatimento que me dominava, meus músculos, meus nervos e meus sentidos negavam-se a me obedecer e eu continuava arrastado por um doído torpôr que não me dava a trégoa de um segundo! E assim permaneci por vários dias até que a casualidade de um encontro me permitiu falar-lhe novamente.

CONTROLE - CORTA A MÚSICA EM FUNDO.

Domingos - Maria Dolores!... Foi Deus que lhe trouxe ao meu encontro!... Eu não podia mais suportar essa angústia que vive em minha alma!... Você precisa convencer Ivanor a deixar que eu continue frequentando a sua casa.

Maria - Não, Domingos, eu não posso pedir nada a meu filho, quando já lhe prometi que não lhe tocaria mais no seu nome.

Domingos - Maria Dolores!... Você... você fez isso!...

Maria - Não tive outro remédio, acredite! Era tal a tristeza e o abatimento do pobresinho que eu, na ância de lhe dar uma compensação ao sofrimento que lhe causara, ofereci-lhe esse sacrifício.

Domingos - Quer dizer então que...

Maria - (depois de pausa) Sim, Domingos. Precisamos e devemos continuar a fazer todos os dois do outro.



Domingos - (abaixado) Para... para sempre Maria Dolores?

Maria - (abaixada, também) Quem sabe?... Talvez, pelo menos, até que as coisas se modifiquem.

Domingos - É injusto, Maria Dolores! Você não deveria ter prometido uma coisa dessas ao seu filho.

Maria - Se você o visse no estado em que ficou; Se calculasse o remorso que se escaldava a consciência pelo desencanto que eu implantara no seu coraçõzinho adolescente!... Se você imaginasse o desespero atrás que freava em minha alma vendo as lágrimas silenciosas que deslizavam pelo seu rosto pálido e o ritus de torturante amargura que emoldurava a sua boca jovem que só deveria sorrir!... (Pausa) Eu sei que você também teria feito o mesmo que eu fiz!... (Pausa) Não me censure, Domingos. Eu não poderia atirar na treva do desespero quem trouxe luz às minhas trevas!... (soluca)

Domingos - Está bem, Maria Dolores, eu não lhe direi mais nada!... É uma vez que deveremos separar-nos para sempre, deixo-lhe agora o meu adeus de despedida e o meu desejo sincero de felicidades... para você... e para Ivonor!...

Maria - (voz de choro, profundamente sentida) Adeus, Domingos!... E que você também possa encontrar, um dia, a felicidade ao lado de alguém!

CONTROLE - ENTRA COM MÚSICA EM SURDINA.

Domingos - E depois desse dia, oito longos anos se passaram!... Nunca mais eu entrei na sua casa! Nunca mais me aproximei de você ou de Ivonor, mas sempre, dia por dia, acompanhei de longe a sua vida e, uma por uma, fomos vividas por mim as suas apreensões, as suas alegrias, as suas incertezas, as suas dificuldades!... Dona Crescência, a voluboz e tagarela dona Crescência do cento e onze, era quem lavava ao meu refúgio da "Vila dos Possíveis" <sup>em Teresópolis</sup> todas as notícias da Rua da Misericórdia. Neste momento, por exemplo, em que ela vem figurar, por acaso, nas linhas desta carta, eu tenho a impressão de estar ainda no meu gabinete da "Vila" e ver surgir, do fundo verde escuro do reposteiro de veludo, a velhota conversadora e amiga!

CONTROLE - CORTA A MÚSICA EM FUNDO.

Crescência - Óra viva o casmurro solteirão que se veio sepultar entre as rochas e esquece o perfume da vida que se sente lá fora, deslumbrando os



os olhos e inebriando os sentidos! E então? Como tem passado na sua estada em clausura voluntária? Sempre bem, não é verdade? Pelo menos o seu aspecto é o de quem usa uma saúde perfeita. Também pudera!... Tanto retiro de uma vida invejável, enfeitado de tantas rosas!... As rosas são sempre mais bonitas do que as mulheres e quasi sempre mais perfumadas também. Além disso o perfume das rosas leva, sobre o perfume das mulheres, a grande vantagem de ser um perfume natural. Pois muito bem, meu amigo, trago-lhe uma grande novidade! O filho da minha vizinha terminou o ginásio e vai em prestar exames para entrar na Escola Militar. Ela não queria, sabe? Seu desejo era de que o filho estudasse medicina ou engenharia, mas o rapaz convenceu para o verde olive que não houve quem lhe desviasse essa ideia da cabeça. Rapazinho de opinião acuada, seu Domingos!...

Domingos - Si é, dona Crescencia!...

Crescencia - E sabe onde tem o nariz. Sabe o que quer. A vizinha Dolores pediu a todos os amigos que procurassem desconvencê-lo, mas não houve quem conseguisse desconvê-lo do seu intento. Era a mãe, era eu, era a dona Izaltina, a dona Solange, o seu Lálé do cartório, todos, todos procuramos fazer com que ele visse as vantagens de seguir outra carreira, mas não houve meio. Era a Escola Militar, a Escola Militar, a Escola Militar e não arredou pé do seu ponto de vista. Saiu, foi ver tudo que era preciso, aprontou todos os papeis necessários, levou todos os atestados exigidos e já está estudando com mais dois companheiros para prestar os exames necessários. Eu lhe digo, seu Domingos, que aquela rapazinho irada vai ser grande coisa na vida! O senhor verá!

CONTROLE - BUENA NOVAMENTE MUSICA EM SURDINA.

Domingos - E depois de conversar sósinho pelo espaço de quasi uma hora, Dona Crescencia pediu umas folhas de laranjeira, uns galhos de Eucalipto, alguns lírios, umas rosas para o retrato do falecido e, depois de haver obtido tudo aquilo, saiu no seu passo miudinho e ligeiro, abanando sempre, do vertice, com a sua mão gorriucha, deixando no seu gabinete o perfume da água de colonia barata, que usava, invariavelmente, quando saia para visitar os amigos. Passado algum tempo, voltava ela, no seu surra de vestido de seda sarvon, para trazer as últimas notícias.

CONTROLE - SANTA A MUSICA DE FUNDO.



Crescencia - Ele passou, sabe seu Domingos? Entre noventa e três candidatos, tirou o quinto lugar no exame de admissão para a Escola Militar. Veja o senhor! O quinto lugar entre noventa e três candidatos! É ter cabeça, não é mesmo? Também vou lhe dizer que nunca vi ninguém estudar como aquele menino estudou! Duas, três, quatro, cinco vezes que eu entrasse na casa da vizinha Dolores, estava ele ~~surruando~~ no canto da mesa da sala de jantar, curvado sobre os livros, resolvendo teoremas e equações. E não levantava a cabeça pra coisa alguma. Também a vizinha Dolores está tão feliz e tão faceira que os dentes não lhe cabem dentro da boca.

Domingos - Eu imagino!...

Crescencia - Por outro lado ela está um bocadinho abatida porque se lembra que daqui a mais três anos o menino terá que ir para o Rio de Janeiro e ela se verá obrigada a separar-se dele. Secretamente, ~~surruando~~ ela alimentava a esperança de que o filho não alcançasse classificação e desistisse da carreira que havia escolhido, mas qual... Ele queria porque queria e acabou vencendo. É o que eu lhe digo sempre, seu Domingos: aquele rapazinho ainda vai ser grande coisa na vida! Olé se vai! O senhor verá!

CONTROLE - ENTRA NOVAMENTE A MUSICA EM B/G.

Domingos - (escrevendo) E durante três anos ~~em~~ a gerducha dona Crescencia, infatigável como a minha saudade, trouxe-me, semanalmente, as notícias mais importantes que se relacionassem com a tua vida ou a <sup>do</sup> ~~de~~ filho. Lembro-me, ainda, como se fosse hoje, da descrição que ela me fez do diálogo que mantivera ~~com~~ contigo, precisamente na véspera da partida de Ivanor para o Rio de Janeiro. Ele reproduzia, com tal fidelidade, os gestos e as <sup>de cada uma,</sup> inflexões, que me parecia estar diante das duas, ouvindo-as conversar.

CONTROLE - CORTE A MUSICA EM B/G.

Crescencia - Não chore, vizinha. Três anos passam depressa. Quando a senhora me nos esperar ele estará aí, de volta, já formado e para onde for destacado há de querer levá-la junto com ele.

Maria - Três anos é muito tempo para se chorar e sofrer saudades, dona Crescencia.

Crescencia - Os primeiros tempos é que são os piores, vizinha. Depois a gente acostuma. Quer saber de uma coisa? Depois dos primeiros meses a dor faz coma e a gente já não sente mais. E pobres de nós se não fosse assim, vizinha! Pobres de nós! Eu sei perfeitamente que viver só é muito triste! Muito triste mesmo!... Não é assim que eu tenha vivido desde que o Inácio me abandonou? Mas se lhe digo que a gente acostuma, é porque sei bem por



experiencia própria. No principio eu pensei que ia ficar louca de tanta saudade que sentia daquela cachorrão, heja... eu só me lembro de que ela existia na minha vida quando, por acaso, falei nela, como agora.

Maria - Um filho é muito diferente, dona Crescencia!... Se ao menos eu pudesse ir morar no Rio, teria a satisfação de tê-lo comigo nos sábados e domingos.

Crescencia - A senhora teria uma maneira de poder fazer isto, vizinha. Era só...

Maria - (cortando) Por favor, não me toque nesse assunto, dona Crescencia. Aí mesmo é que eu perderia o meu filho para sempre! E eu não quero perdê-lo! Eu não posso perder o meu filho, dona Crescencia!

CONTROLE - ENTRA COM MUSICA EM B/G.

Domingos - Soube, depois, da tua recusa em receber-me, quando pretendi levar-te um pouco de consolo na solidão em que te encontraste, logo após os primeiros dias do embarque de Ivanor. <sup>Compreendi</sup> ~~entendi~~ que a tua atitude se prendia à promessa que lhe havias feito, e que os teus admiráveis princípios de lealdade não te permitiam quebrar. Respeitei, por isso, o teu desejo e continuei mantendo-me afastado. Dois anos mais se passaram! Um dia, veio aquela carta que te deixou num desespero terrível...

CONTROLE - SUSPENDE A MUSICA EM FUNDO.

Crescencia - Boa tarde, vizinha. Hoje de manhã, quando eu estava atendendo o varal de roupa, vi o carteiro bater na sua porta e lhe entregar uma carta. Calculei logo que fôsse de Ivanor e estava aflita para vir até cá saber notícias, mas foi tanta coisa por fazer, tanta coisa, que só agora é que eu pude dar uma escapadinha para saber si ele está bem de saúde e se manda contar alguma novidade. <sup>(TOM)</sup> Mas agora é que eu estou reparando, e a senhora está com os olhos vermelhos de chorar. O que houve, vizinha? Ele estará doente?

Maria - Não, dona Crescencia, ele está muito bem de saúde, felizmente, mas a sua carta me deixou num desespero tão grande, (chorosa) que não tenho feito outra coisa senão chorar, desde o momento em que ele me chegou às mãos.

Crescencia - Mas fale, por favor, vizinha, diga o que houve. A senhora assim me deixa nervosa. Si ele está bem de saúde, que mais pode contar essa carta que lhe deixa assim tão nervosa? Fale, por favor! Desabafe logo essa angústia porque quando a gente está mortificada, como eu sinto que a senhora está, não há como se ter uma alma amiga e quando se possa desabafar



tudo, tudo, tudo, tudo!... Isso faz um bem!...

Maria - Pois imagine a senhora que, tendo passado para o terceiro ano da Escola Militar, o meu filho tinha que escolher a arma que se levaria especializar. E sabe a senhora a arma que ele escolheu, dona Crescencia? ~~xxxxxx~~  
gãui

Crescencia - Diga, diga, diga, diga!...

Maria - (chorando) A aviação, dona Crescencia. Logo a aviação que teria sido a última que eu desejaria que ele tivesse escolhido!...

Grécio - Deus de Misericórdia!... Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!... Andar voando, feito passarinho e arriscar-se, a todo o momento, a se despencar lá de cima naquelas gaielinhas de arca que não tem segurança nenhuma! Que horror, meu Deus! Que horror!... Filho meu eu não consentiria.

Maria - Ora, dona Crescencia, que adiante a gente consentir ou não, se depois que eles crescerem já não nos convenhamos e só fazem aquilo que lhes apetece? (chorosa) Ter filhos é muito bom enquanto eles são pequenos e podemos conduzi-los pela mão. Depois que eles crescerem... e crescem e andam sózinhos, cada passo que dão, longe de nós, é uma dúvida e um receio que nos assaltam pelo temor de que tropecem e caíam, ou que lhes possam evitar os ferimentos que lhes possam causar as urzes do caninho!...

Crescencia - Tem razão, vizinha/Dolores. Tem toda a razão. Eu nunca tive filhos -felizmente- mas posso muito bem avaliar a sua terrível angústia pela que eu sentia no meu coração quando aquele desalmado do Inácio ficava até de madrugada parambulando pelas ruas sem que eu soubesse onde ele estava e o que fazia. Ficava acordada à noite toda, rezando rosário atrás do rosário para que São Jorge o protegesse e o livrasse de um escorregão. Pouco adiantaram as minhas rezas, vizinha, porque um dia ele escorregou e escorregou feio. Pensei até que não escorregou na casaca de uma banana e torceu os pés na direção contrária à de sua casa, porque nunca mais apareceu e nem deu notícias do seu paradeiro. (TON) Bem, não deixamos aquele cachorrão de parte porque no momento ele não está interessando. O que interessa é o Ivanor. (TON) A senhora não poderia se dirigir ao Comandante da Escola para que ele intercedesse no sentido de desviar o rapaz dessa ideia?

Maria - Não, dona Crescencia, já chorei ao meu filho fazendo-lhe um apelo desesperado para que ~~me~~ reconsiderasse a sua resolução. (chorosa) Agora... só se resta esperar... e pedir a Deus que se compadeça do meu pobre



coração aflito, concedendo-lhe a graça suprema de que Ivaner atenda ao seu pedido!... E se ao fim de tudo, Deus não se considerar digno de merecer tão grande graça, que eu continue a viver nessa tortura infinita de todas as horas, mas que ao menos os meus olhos não tenham que chorar, um dia, a vida do meu filho idolatrado!...

CONTROLE - CARACTERISTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE 3º ATO.

CONTROLE - CARACTERISTICA FUNDO COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

Domingos - Ah, Maria Dolores! Minha querida Maria Dolores!... Se soubesses o que na que tive no coração ao saber que teu filho não atendera o teu angustiadoso apelo!... Se soubesses o desejo que me assaltou de correr para junto de ti e transmitir-te palavras de coragem e fé que eu não sentia! Se soubesses, ainda, o insopitável anseio, a custo sufocado, de escrever ou mesmo ao teu filho lembrando-lhe a grandiosidade de tua renúncia e a rol de sua tranquilidade e varberando-lhe o desmedido egoísmo que ~~lhe~~ <sup>de ti naquele</sup> lhe permitia esquecer-se ~~momento!~~... E até hoje pergunto a mim mesmo por que não o fiz. ~~Exixixixix~~ Prudência?... ou covardia? Não sei!... Só sei que hoje me arrependo - e amargamente - de não o ter feito. (Pausa e tom) Outro ano passou e novamente dona Crescencia foi visitar-me na Vila das Rosas. Era uma tarde de primavera, cheia de sol e de colorido.

CONTROLE- CORTA A MUSICA EM FUNDO - FUNDO COM PASSAROS CANTANDO EM B/G.

Crescencia - Venho trazer-lhe o ~~boletim~~ <sup>informativo</sup> da última quinzena, seu Domingos. E desta vez posso lhe afirmar que o noticiário é sensacional! Imagine que a vizinha Dolores recebeu uma carta do filho, comunicando-lhe que receberá o seu brevet de aviador no dia oito de mês que vem e pedindo a ela que vá ao Rio para servir-lhe de madrinha na cerimônia.

Domingos - E ela vai, dona Crescencia?

Crescencia - Óra, seu Domingos! Ai é que é o caso de se perguntar: "com que roupa?" O senhor bem sabe que não se faz uma viagem dessas com qualquer coisa dusia de cruciros e além da passagem, existe ainda o problema das toilettes que se <sup>terran</sup> necessárias e que, por mais simples que sejam, não se fazem com pouco dinheiro.

Domingos - Bem, eu sei, mas... ela trabalha tanto... podia ter alguma reserva..

Crescencia - Trabalha muito, sim, nós sabemos isto, mas tudo o que faz é para mandar ao filho. Eu não tenho nada com isto e não estou aqui para ori-



ticar a vida dos outros que não se interessa, mas se o senhor visse a elegancia dele num retrato que mandou para ela ha dois meses atrás!... Parecia um lord ingles. E a coitada, aqui, sem um vestido direito para sair. Para ela poder ir ao tráfego de Santa Catarina na Igreja do Bonfim eu tive que lhe emprestar os meus sapatos e eu fiquei de cambraia borda de guaxinhaxxxxxxxxxxxxx para esconder um pouco os buracos que as traças lhe fizeram no corpo do vestido.

**Domingos** - Que horror, meu Deus!... Não posso me convencer que Maria Dolores pra fira a vida assim a... (corta o que ia dizer)

**Crescencia** - (pequena pausa) A que podia ter ao seu lado, não é verdade? Mas não é só o senhor que não se convence. Eu não se convenceo, a dona Gonda não se convence, a dona Gasalpina tambem não... Ninguém se convence. A dona Gonda é que sempre diz que si ela tivesse se casado com o senhor quando o filho era pequeno, que hoje ele já teria feito as bases com o senhor e estariam vivendo, sabos, num estadão. <sup>Dona Dolores</sup> (diz que não... que conhece muito bem o filho...) (Tom) O que é verdade é que o rapazinho é de opinião. Lá isso é. Não se pode negar.

**Domingos** - Escute, dona Crescencia: a senhora seria capaz de me prestar um grande favor?

**Crescencia** - Ora, seu Domingos, então isso é pergunta que o senhor faça a mim? Uma amiga de tantos anos? O senhor bem sabe que eu estou inteiramente ao seu dispor para o que o senhor necessitar de mim. Não é verdade que foi sempre assim? Que sempre procurei auxiliá-lo?

**Domingos** - Sempre.

**Crescencia** - Pois então? Não vejo a necessidade do senhor me perguntar se eu estou disposta a lhe prestar um favor. Sempre estive. Diga logo o que deseja porque se depender de mim...

**Domingos** - (corta) Muito obrigado, dona Crescencia. Ouça então: o que desejo é 'simplesmente isto' - que a senhora ofereça a Maria Dolores o dinheiro que ela necessite <sup>te</sup> para ir assistir a formatura do filho.

**Crescencia** - Mas que esperança, seu Domingos!... O senhor nem parece que a conhece tão bem. Ela não aceitaría um cruzeiro que fôsse.

**Domingos** - De mim, acredito que ~~não~~, ~~mas~~ <sup>mas</sup> de senhora... Bastaria que a senhora lhe dissesse que o dinheiro era seu.

**Crescencia** - Ah, bem!... Assim pode ser. Não me custe oferecer-lhe.



Domingos - Pois então faça isso e depois me diga alguma coisa.

CONTROLE - SUSPENDE OS PASSAROS E ENTRA COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

Domingos - (escrevendo) E dois dias depois desse seu pedido, dona Crescencia voltou à Vila das Rosas para me contar a conversa que tivera contigo. Tinha o ar satisfeito dos episódios vitoriosos, e, para valorizar a sua vitoria, repetia-me, um por um, os argumentos todos que utilizara para convencer-te.

Controle - Corta a musica em fundo

Crescencia - Mas há razões que justifiquem a sua recusa ao meu oferecimento, Dona Dolores. O dinheiro está no Banco, eu não tenho necessidade dele para coisa nenhuma e posso emprestá-lo à senhora sem prazo nenhum para pagamento. A senhora irá pagando aos poucos, como puder e quando quiser.

Maria - Não, dona Crescencia, muito obrigada. Nunca hei de me esquecer desse seu gesto amigo, mas não posso aceitá-lo.

Crescencia - Mas não pode por que, vizinha? O que a senhora não pode é deixar de assistir a formatura de seu filho, tanto mais que ele mandou convidá-la para madrinha da cerimônia.

Maria - Ele já sabia, de antefão, que eu não poderia ir. Convidou-me, naturalmente, por delicadeza.

Crescencia - Mas de qualquer forma a senhora não deverá privá-lo desse prazer tão grande, uma vez que ponho ao alcance de sua mão as minhas economias que não me fazem falta nenhuma e que a senhora poderá pagar quando quiser e como entender.

Maria - Não, dona Crescencia, muito obrigada. Eu sei que o seu oferecimento é sincero e por isso mesmo eu o agradeço de fundo do meu coração mas não devo aceitá-lo.

Crescencia - Ora essa! Não deve por que? Se eu estou lhe dizendo que é um dinheiro que está no banco e que eu não preciso dele para coisa nenhuma, por que razão a senhora não deve aceitá-lo? Deixe-se de tolos escrúpulos e prepare-se para ir ao Rio assistir a formatura de Ivanor.

Maria - Não, dona Crescencia, eu não devo ir. De qualquer forma...

Crescencia - (portando) Deve ir, sua senhora e vai. Apenhã nesse nós vamos ir ir juntas e a senhora vai comprar o que necessita e mandar preparar a sua passagem. Está decidido e não se discute mais o assunto.

CONTROLE - MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.



Domínros - (escrevendo) É vencida pela tansia da loquaz e bondosa dona Crescência, naquela mesma semana, fu subitamente arrebatada para o Rio onde naturalmente vivaste as últimas horas de alegria que a vida se lhe punha a te proporcionar. Antes que tivesses nitidamente regressado a Porto Alegre, Minervina, a última irmã que ainda se restava viva, enferrou gravemente e fui chamado com urgencia a Cruz Preto. Quinze dias depois de achar-se aqui, recebi uma carta da minha boa amiga, relatando-me os momentos felizes que vivaste junto de teu filho. Lembro-me, perfeitamente, que, entre outras coisas, eis me dizia...

CONTROLE - CORTA A MUSICA EM FUNDO.

Crescência - Nessa boa amiga Maria Dolores voltou de assistir a formatura de seu filho no Rio de Janeiro. Foram doze dias de alegria e felicidade completas, repetindo as palavras que eis sempre se disse, ao regressar. Conheceu a sua futura nora, a qual soube muito simpática e muito amavel. Na companhia dela e de Ivanor, visitou a cidade, as praças, os museus, tendo mesmo frequentado cinemas, teatros e até boites. Veio outra. Ela parecia mais a creatura melancólica e triste que conhecemos antes. Res-lhe tamanho bem a mudança de ar e de vida que a gente chega a ter a impressão de que eis renasceu dos seus. Coitado! Como se contra agraça oida a sua por lhe ter proporcionado um prazer tão grande!... Já regressou o trabalho para pagar a dívida contraída, mas se visse com que ânimo eis trabalha agora...

CONTROLE - ENTRA NOVAMENTE A MUSICA EM FUNDO.

Domínros - É deus ou deusa dias depois dessa carta tão agradável, que me trouxe um dos prazeres mais vivos que tenho experimentado nestes meus últimos anos de existencia, uma outra que se fez muito entusiasmado. Dona Maria Crescência me contava, em seus mínimos detalhes, o presencimento terrível que te assaltou, naquela noite em que o vento fustigava com fúria as árvores e as casas da rua da Misericórdia.

CONTROLE - ENTRA VENTO FORTE EM FUNDO, FERMARECENDO ATÉ NOVA MÚSICA.

Maria - Que noite horrível, meu Deus!... Esse vento, quando sopra mais forte, parece que faz parar o coração da gente.

Crescência - Está horrível, mesmo. Vou só tirar esses pontos da agulha e tratar de ir para a cama de deitar.

Maria - Mas é cedo ainda, dona Crescência. Não são dez horas. Repare até às dez e meia que eu faço um cafésinho para nós e depois a senhora vai.



Crescencia - Não, não, vizinha, eu não gosto de sair para o frio depois de tomar café quente. Tenho muito medo de agarrar um ar e ficar aí com um olho fechado ou com a boca torta. Quando tirar esta carreira de pontes vou me meter em baixo das cobertas.

CONTROLE - ENTRA COM O RUÍDO DE AVIÃO AO LONGE, VEM SE APROXIMANDO, PASSA E VAI SE APASIANDO LENTAMENTE MAS SEMPRE COM O VENTO EM FÚDIO. (ATENÇÃO)

Crescencia - A coisa que eu mais gosto de fazer, quando faz frio ou quando chove, é me meter entre as cobertores, tapar bem a cabeça para não ouvir o barulho do vento e entregar-me...

Maria - (sobresalto) Espere um momento, dona Crescencia. A senhora não está ouvindo o ruído de um avião?

Crescencia - (depois de pausa) É... parece... (Pausa e tom) Que horror, meu Deus!... Com uma noite dessas... Só mesmo alguém que tenha necessidade absoluta de viajar, do contrário...

Maria - (quasi que pensando alto) Deus de Misericórdia!... Tanta piedade dessas gente que está lá em cima!...

Crescencia - (caindo adiante e procurando disfarçar) Bem, é verdade que os aviões não foram feitos só para os dias de sol. Eles já foram construídos para resistir a furia das intempéries. E depois, hoje em dia, eles já estão muito bem aparelhados para voar mesmo sem nenhuma visibilidade. Isso que para nós é um pavor, para os aviadores é a coisa mais banal deste mundo. (Não para. Para logo a fala seguinte)

CONTROLE - A ESTA ALTURA JÁ O AVIÃO PASSOU E NÃO SE OUVI MAIS O SEU RUÍDO. APENAS O VENTO.

Crescencia - Eles obegam a fazer troça de nós quando vemos que nós estamos...

Maria - (corta, muito aflita) Um momento, dona Crescencia. Deixe-me escutar o ruído. Não parece que ele vem voltando?

Crescencia - Que voltando nada, vizinha, ele já vai longe. É o barulho do vento que a senhora está confundindo.

CONTROLE - VOLTA O RUÍDO DO AVIÃO FICA SEMPRE PERTO ATÉ NOVA RUBRICA.

Maria - Como confundindo? (nervosa) Então eu não vou saber distinguir um ruído do outro? Ele está voltando, eu lhe garanto. Estou sentindo nitidamente o ruído do motor. Ouça. Preste atenção e veja se eu não tenho razão?

Crescencia - (depois de pausa) Não ouço nada. Apenas o vento.

Maria - Como, dona Crescencia? Não é possível! Se eu estou ouvindo claramente como se o avião estivesse sobrevoando a minha casa...



Grescencia - É impressão sua. P<sup>o</sup>so lhe garantir que não há outro ruído além do vento. É que a senhora ficou nervosa e está com a ideia...

Maria - (alucinada, cortando) Está aqui. Ele está aqui sobrevoando a minha casa. É o meu filho, dona Grescencia. É ele. Eu sinto que é ele.

Grescencia - Ora vizinha, por favor acalma-se. Então que é isso? Não tem ruído nenhum, o avião já passou e sabe <sup>lá</sup> onde é que já está...

Maria - É o meu filho... é o meu filho... Ele está perdido dentro do nevoeiro da noite... luta com o vento... se debate contra a tempestade... ele quer vencer... ele quer se salvar... ele quer viver... (num grito) Partiu-se a asa do avião... ele vem caindo...

CONTROLE - RUIDO DE AVIÃO CAINDO PARA ESPATIFAR-SE NO SOLO.

Maria - (enquanto ouvir o avião caindo vai dizendo, alucinada)... ele vem caindo... caindo sempre... caindo... caindo... (quando ouvir o ruído da explosão faz uma pausa e diz em tom patético) Meu filho morreu!...

Grescencia - Vizinha, que é isso? Acorde dessa alucinação. Eu vou lhe preparar um calmante.

Maria - Meu filho morreu!... Meu filho morreu!... Era ele!.. Eu vi que era ele! O avião espatifou-se... e meu filho está morto!... (rompe em crise de choro estérico que vai se afastando até desaparecer)

CONTROLE - ENTADA COM MUSICA DE FUNDO PARA NARRAÇÃO.

Domingos - E no dia seguinte, dona Grescencia soube que era realmente o teu Ivanor quem passara naquele avião, dentro da noite escura e tempestuosa. Ele quisera preparar-te uma surpresa e ia passar contigo tres dias de licença que <sup>obtivera.</sup> ~~inexistia~~ Tal como tu presentista no teu delírio daquela noite, a violência do vento partiu a asa do avião e momentos depois o aparelho se despedaçava sobre o solo e teu filho morreu carbonizado. (Pausa e tom) Não te direi palavras de consolo. Não há nada que console o coração da mãe que perde um filho. Digo-te, apenas, que não estás sozinho. <sup>Eu</sup> Estou contigo, ao teu lado, ouvindo os teus soluços profundos e secando as tuas lágrimas em pensamento. (Pausa e tom) Eu também perdi minha irmã. Morreu abençoando as minhas mãos quasi trêmulas que lhe seguravam a cabeça exangue. Quisera, agora, que elas pudessem também agarrar a tua cabeça abatida <sup>dele angústia e</sup> pelo sofrimento, mas não me sinto com a coragem necessária de correr para o teu lado sem que tu me liguas, antes, que me deixes parte de ti. Uma palavra tua... e aí



estarei... até mesmo como amigo, se assim desejares!... Enquanto isso... até que se seja dada a sentença final da minha vida, eu continuarei vivendo a tristeza infinita de ser só!... O sempre teu...

"Domingos."

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE PARA FINAL DO PROGRAMA.

Distribuição:

Domingos - Roberto Rio  
M. Dolores - Ilsa Silveira  
Ivaux (menino) - Sergio Reis  
Crescencia - Claudia Martins